

**Operador:**

Boa tarde, e obrigado por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência de resultados relativos ao 3T12 do Banco Santander (Brasil) S.A.. Presentes aqui estão o Sr. Carlos Galán, Vice-Presidente Executivo – CFO, o Sr Oscar Rodriguez Herrero, Vice-Presidente Executivo de Risco – CRO, e o Sr. Luis Felipe Taunay, responsável pela área de Relações com Investidores

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet, no site de Relações com Investidores do Banco Santander, no endereço [www.santander.com.br/ri](http://www.santander.com.br/ri), onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para download.

Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando \*0.

Gostaríamos de informar que perguntas só poderão ser feitas através do telefone. Caso você esteja conectado pelo *webcast*, sua pergunta deverá ser enviada diretamente para a equipe de RI, pelo e-mail [ri@santander.com.br](mailto:ri@santander.com.br).

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco Santander, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria do Banco, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o resultado futuro do Banco Santander e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao Sr. Carlos Galán, Vice-Presidente Executivo – CFO. Por favor, Sr. Galán, pode prosseguir.

**Carlos Galán:**

Boa tarde, e obrigado pela presença de todos que estão ouvindo esta teleconferência. O índice que temos para o dia de hoje abordará primeiramente uma breve visão sobre o cenário macroeconômico; segundo, destaques do 3T; terceiro, evolução dos nossos resultados e suas principais alavancas, e o resumo com as conclusões.

Em relação ao cenário macroeconômico, eu gostaria de mencionar três ideias. A primeira, temos revisado para baixo o crescimento para este ano, e agora o consenso espera entre 1,5% e 1,6%. A atividade foi mais fraca do que pensávamos, e ficou para trás nossa perspectiva anterior. Mesmo que os indicadores estejam melhorando, ainda esperamos que o crescimento do PIB ganhe impulso nos próximos trimestres, mas também temos que reconhecer que o ritmo e os fundamentos da recuperação foram desencantados.

Vai levar mais tempo do que o esperado para a economia retomar a expansão em ritmo de 4% face ao período homólogo que é a perspectiva para 2013, aprovado por todas as medidas tomadas pelo Governo.

Segundo, em relação à inflação, a estimativa é que termine o ano em torno de 5,4%, permanecendo nesse patamar em 2013.

Terceiro, observando a taxa de juros e o câmbio, nós prevemos estabilidade para ambos em níveis atuais, entre 2% e 2,05% para a taxa de câmbio e repetir-se de 0,25 na Selic para 2013. No entanto, na apresentação vocês têm a última pesquisa do Focus, com uma projeção que o mercado espera que atinja 8% para 2013. Em resumo, nossa visão é que estamos a caminho de uma recuperação moderada, sem pressão inflacionária sobre os níveis atuais.

Passando pelos destaques do acumulado de 9M12, comparado ao acumulado do mesmo período de 2011, eu gostaria de destacar os seguintes pontos: primeiro, o lucro líquido apresentou uma queda de 6% no acumulado de 9M comparado ao acumulado do mesmo período do ano anterior. No trimestre, o lucro líquido foi R\$1.501 milhão, com um crescimento de 2,5% contra o 2T.

Segundo, a carteira de crédito e as captações crescem dois dígitos, em linha com os concorrentes privados. A carteira de crédito cresce 10% ao ano e a captação de balanço cresce 12%.

Terceiro, receitas totais mostram uma tendência positiva subindo 17% no ano, e gastos permanecem sob controle, crescendo 9% no ano sem incluir amortizações. Portanto, temos uma mandíbula bem positiva.

Quarto, desaceleração do resultado da PDD para 41% em 12 meses versus 47% que mostramos no 1S. E finalmente, como quinto ponto, mantemos uma robusta solidez de balanço, com um BIS *ratio*, um capital de mais de 22% e um índice de cobertura *over 90* de 136%.

Nos primeiros 9M, o lucro líquido do Santander, incluindo 100% de amortização do ágio, totalizou R\$4.731 milhões, que representa 5,7% abaixo do mesmo período de 2011, e no trimestre tivemos R\$1.501 milhão, com um crescimento de 2,5% contra o 2T, e estes indicadores melhoraram o lucro de ação em R\$0,04 no trimestre.

A estrutura dos nossos resultados está baseada em quatro linhas. Primeira, a linha do topo, receitas crescem dois dígitos; basicamente, as receitas operacionais, que são a soma de margem financeira mais receitas de prestação de serviços e tarifas, totalizaram R\$10.653 milhões no trimestre, menos 1% do 2T e 13% acima do 3T11. Em termos acumulados, a margem financeira bruta cresceu 18,7% em 12 meses, com redução de 3,2% no trimestre. A receita de prestação de serviços e tarifas cresceu 11,4% comparado a 2011 e evoluiu 7% no trimestre.

Segundo, o resultado da PDD desacelera. Em 12 meses, cresce 41% e reduz 15% no trimestre.

Terceiro, controle de despesas. Despesas gerais crescem 9,2% no ano e 3,8% no trimestre; e incluindo amortização cresce 11% e 5% em um ano e três meses, respectivamente.

Quarto, uma maior taxa de despesas na parte baixa da conta. Temos outras despesas operacionais que crescem 15% no trimestre devido a maiores despesas relacionadas com o cartão e com os *business* de aquisição, com um pouco mais de volume de liquidações e outras linhas. E também temos uma maior taxa efetiva, o lucro antes de impostos cresce 11,3% no trimestre e desacelera para 2,5% depois de impostos, basicamente porque a taxa efetiva aumentou 6 p.p. no trimestre.

Nos 9M12, a margem financeira bruta cresceu próximo a R\$3,9 bilhões, próximo a 19% comparado aos 9M11. 80% deste crescimento vem da margem de crédito. Este crescimento é

baseado na expansão de volume de spread, uma vez que o spread médio em 2012 foi de 26 b.p. maior que a média de 2011. No trimestre, a margem financeira bruta reduziu 3,2%, ou R\$268 milhões contra o 2T.

Aproximadamente, 75% da diferença é explicada pela linha denominada 'outros', que foi essencialmente impactada pela redução de R\$160 milhões em ganhos de tesouraria.

Esse desempenho basicamente seria explicado por: primeiro, menores spreads, 42 b.p. e no crédito, dos quais 3/4 estão explicadas *pelo* mix e 1/4 devido ao preço, e também pela queda de 7 b.p. na linha de depósitos, que está em linha com a queda observada na Selic. Esta desaceleração de spreads é parcialmente compensada por um crescimento de 1,5% no volume médio da carteira.

Finalmente, lembramos que, em relação a spreads, mesmo com a compressão, como já tínhamos antecipado e já havia mencionado, ainda temos um spread 30 b.p. maior que no mesmo período de 2011.

A carteira de crédito total atingiu R\$207 bilhões no 3T, crescendo 10,1%, e 0,8% no trimestre. O crescimento lento está em linha com os concorrentes privados, devido a condições econômicas mais fracas e critérios mais rigorosos para a concessão de crédito. Nós vemos isso como um efeito temporário.

Olhando para o segmento, vemos os seguintes números e tendências: crédito para pessoa física cresce 0,8% no trimestre e 9,5% no ano; financiamento ao consumo, que consiste basicamente em financiamento de carros, reduz quase 1% em três meses e cresce 11% no ano. Se considerarmos também o volume gerado em nossa rede de agências, os volumes teriam crescido 2,1% no trimestre, levando um ganho de market share no mesmo período.

Pequenas e médias empresas, que é beneficiado pelo nosso novo serviço de aquisição, cresceu 19,5% e 3,6% em um ano e três meses, respectivamente. Finalmente, a performance de grandes empresas foi particularmente fraca neste período, reduzindo 0,5% no trimestre, e cresceram só 6% no ano.

Em relação a produtos, os principais destaques são: cartão de crédito, que cresce 18,7% no ano, imobiliário, que cresce em um ritmo de 23% no ano, e consignado com mais de 13% de crescimento no ano.

Nesta apresentação, vocês podem ver que incluímos todos os indicadores: o 15-90, *over* 60 e *over* 90. A inadimplência acima de 90 dias atingiu 5,1%, que representa um aumento de 80 b.p. e 20 b.p. no ano e no trimestre, respectivamente. No trimestre, a inadimplência de pessoa física foi o principal responsável pela deterioração de 40 b.p.

Em relação à pessoa física, esse ciclo de inadimplência foi impulsionado por um grupo de clientes sobrealavancados. Então, melhores condições econômicas, ações de recuperação e medidas tomadas para novas originações de crédito devem suportar a estabilização para os próximos meses, como indica a inadimplência de 15 a 90 dias.

De fato, a inadimplência acima de 90 dias permanece estável em setembro comparado a agosto, e a inadimplência pessoa física de 15 a 90 dias melhorou 50 b.p. pelo segundo trimestre consecutivo, apresentando uma tendência futura positiva.

Em relação à PJ, a inadimplência acima de 90 dias cresceu 10 b.p. no trimestre, e 30 b.p. no 15-90. PJ foi mais impactada pela economia mais fraca, que está atrasando sua recuperação,

como podemos ver no menor crescimento do crédito para o segmento de grandes empresas, e a mudança no *mix* de PJ, com um maior peso das PMEs na carteira PJ.

O atual ambiente do mercado continua mudando, enquanto o crescimento do PIB começou a acelerar nos últimos dois meses. Se isso continuar, nós podemos ter um impacto positivo na qualidade do crédito durante os próximos trimestres.

Em resumo, nós acreditamos que atingimos o pico neste trimestre e que o indicador de inadimplência deve se estabilizar no 4T, e esperamos uma redução gradual em 2013.

O resultado de crédito de liquidação duvidosa atingiu R\$3.228 milhões, uma queda de 15% no trimestre, voltando a patamares do 1T. Contudo, o volume é 30% maior que o mesmo período em 2011, e 41% maior quando se compara os 9M12 versus 9M11. Como indicamos, nós atingimos o pico no 2T, e agora devemos evoluir nos próximos meses com o objetivo de atingir patamares pré-2012, considerando nosso atual mês.

A receita de recuperação de crédito caiu 31% no trimestre e 22,9% em 12 meses. Desta forma, recuperamos a média esperada de R\$400 milhões por trimestre.

Por último, o custo de crédito mostra um aumento devido à metodologia de cálculo, que considera o resultado de crédito de liquidação duvidosa acumulado em 12 meses. Desta forma, considerando apenas 3T, o custo de crédito melhorou 110 b.p. em relação ao 2T, mas ainda é 70 b.p. maior que o 3T11.

Receitas de prestação de serviços e tarifas bancárias totalizaram R\$7.386 milhões nos 9M12, crescimento de 11,4% no ano e 7,3% no trimestre. A performance no trimestre é principalmente baseada em uma maior transacionalidade e contribuição dos seguintes capítulos: cartões de crédito, conta-corrente e serviços de corretagem, que apresentaram incrementos de 23%, 4% e 24% respectivamente, no 3T comparado com o 2T.

Em relação ao cartão de crédito, é necessário enfatizar dois pontos relacionados a negócios de aquisição: o primeiro, destaque para a boa evolução de nossa proposta de aquisição. Receitas e transações mais que dobraram. Nós já atingimos 364 mil estabelecimentos, e isso é suportado pelo crescimento acima de 27 mil novos clientes, pequenas e médias empresas, ativos em nossa base de clientes no trimestre.

Segundo, estamos alinhando com os padrões do mercado em relação ao critério de reconhecimento de comissões de operações parceladas sem cobrança de juros, o que conhecemos todos como parcelado sem juros, com um efeito de R\$80 milhões de impacto adicional no trimestre. Praticamente 3/4 deste impacto seriam reconhecidas no 4T. E excluindo este efeito, as comissões de cartão de crédito ainda estariam crescendo 11% no período.

Despesas totais excluindo amortização totalizaram R\$10.445 milhões nos 9M12, um crescimento de 9,2% em um ano. Em termos anuais, estamos em um patamar de 9% durante todo o ano.

No 3T, cresceu 3,8% comparado com o 2T e foi impactado por duas questões. A primeira, maiores despesas administrativas vinculadas à nossa campanha publicitária e atividades de marketing, e a maiores despesas com expansão comercial nos *call centers*. A segunda, maiores provisões no capítulo de despesas de pessoal, ocasionadas pelo dissídio e pelo aumento do salário.

A linha de amortização cresceu 30% em níveis anuais e 12,8% no período trimestral, o que pode ser explicado por dois componentes: o primeiro, a expansão do negócio; incorporamos

2.350 novos funcionários no último ano, e investimento em infraestrutura, com 90 novas agências. E segundo, é importante ressaltar que no trimestre incluímos 34 milhões devido a uma aceleração na amortização de alguns ativos.

Em relação aos indicadores de performance, e vou me referir simplesmente a períodos acumulados, o índice de eficiência alcançou 43,5% nos 9M, com uma melhora de 260 b.p. no ano.

Em termos de recorrência, atingiu 63,2%, com aumento de 20 b.p. em 12 meses, e em relação aos indicadores de rentabilidade, mostramos um retorno sobre ativos de 1,5%, com uma redução de 20 b.p. comparado com os 9M12, e em termos de rentabilidade sobre o capital, atingiu 12,5%, com uma queda de 200 b.p. em um período de um ano.

Os ativos totalizaram R\$429 bilhões (excluindo o ágio), um aumento de 2% no trimestre e 2,5% no período de um ano, abaixo do crescimento de receitas, indicando um uso mais eficiente do balanço.

Em termos de patrimônio líquido, este alcançou em torno de R\$52 bilhões, crescimento de 1,7% contra junho, e de 8% contra setembro de 2011. Considerando o ágio, nosso patrimônio líquido totalizou quase R\$66 bilhões, e basicamente ficou estável.

O índice de cobertura acima de 90 dias permanece em níveis confortáveis, atingindo 136%, em linha com os trimestres anteriores. Quanto ao índice de Basileia, melhorou 20 b.p., basicamente suportado pela melhor de 50 b.p. do Tier 1 e pela recuperação de alguns efeitos temporários que impactaram o 2T.

Em relação às captações de balanço, estas atingiram R\$203 bilhões, com um aumento de 12% contra o 3T11, e 4% acima contra o 2T12. As captações de balanço melhoraram mais de R\$21 bilhões, o que está em linha com o crescimento da carteira de crédito observada no mesmo período, e esta foi impulsionada principalmente pela captação de clientes, com mais de R\$15 bilhões de incremento (ambas as comparações em doze meses).

Considerando fundos de investimento, a captação total alcançou R\$338 bilhões, com um aumento de 9% em 12 meses e 1% no trimestre. Vale mencionar que a razão crédito/depósitos se manteve estável, em 102% (em doze meses).

Como conclusão, vou enfatizar três ideias: a primeira, estamos crescendo a receita a dois dígitos, com um spread maior que 2011 e com mandíbulas positivas; a segunda, a atividade econômica e o crescimento foram bem mais fracos do que esperávamos, impactando nossa expansão comercial e a inadimplência. Estes elementos influenciaram nosso crescimento de crédito e impactaram nossa rentabilidade.

A terceira: no entanto, os indicadores econômicos estão demonstrando uma melhora; o PIB está ganhando ritmo, o consenso para o 4T e para o 2013 é de 1,4% de recuperação, e os indicadores de inadimplência antecipada estão desacelerando. Os indicadores nos levam a concluir que vamos acelerar nosso crescimento comercial em 2013, chegando a crescimentos de dois dígitos, o que acreditamos ser sustentável para os bancos privados.

Porém, como quarta e última reflexão, entendemos que o modelo será diferente. Um modelo com mais produtividade, com mais eficiência e com menores provisões para crédito, menores spreads e uma maior otimização de balanço.

Muito obrigado por sua atenção, e passamos às perguntas.



**Marcelo Henrique, BTG Pactual:**

Boa tarde. Eu tenho duas perguntas, uma com relação à margem financeira bruta, que continua se comportando, ano contra ano, muito bem, mas que esse trimestre contra o trimestre anterior já apresentou certo arrefecimento.

Os seus *peers* privados nos deram mais ou menos um *guidance* para 2013, do que eles acham que é o comportamento de margem financeira bruta. Um deles, que está passando por uma transformação um pouco maior na carteira de crédito, um *shift* para crédito de menor risco, indicou que a margem financeira bruta antes de despesas de provisão deve crescer *low single digits*, e já o outro banco falou que ainda aposta em um crescimento de dois dígitos no que vem, dado que ele ainda se beneficia de uma carteira, de um portfólio 'não hedgeado' ao longo de todo o ano que vem. Eu sei que vocês não dão *guidance* efetivo, mas vocês poderiam ao menos dizer se estão mais próximos de um ou de outro para o ano de 2013?

**Carlos Galán:**

Marcelo, obrigado pela questão. Vou responder em relação à margem financeira e depois me referirei ao *guidance*. A resposta que gostaria de passar é a seguinte: em relação ao primeiro capítulo, de margem financeira, basicamente, mostramos resiliência para todo o ano de 2012, e para o 4T devemos ter patamares semelhantes aos observados nos últimos trimestres.

É verdade que tem um componente um pouco mais volátil, como foi neste trimestre a tesouraria, mas em condições normais, o resto das linhas que contribuem à margem financeira deveria ser semelhante ao observado em trimestres anteriores. Inclusive, o capítulo de crédito, margem financeira de crédito, neste trimestre está um pouco abaixo do que foi no trimestre anterior. Portanto, para todo o conjunto de 2012, o que eu gostaria de confirmar é que a expectativa que temos é que manteremos o crescimento *double digit*.

Olhando para o próximo ano, claramente o que temos são duas questões: a primeira é que temos um crescimento de crédito mais devagar do que aconteceu no último período, 2011 e primeiros meses de 2012, e isso afetará logicamente o nível de margem financeira para 2013. Na medida em que aceleremos o crescimento desse crédito, retomaremos novamente patamares semelhantes ao volume de crédito médio, para este ano.

A segunda é que, também nos spreads, já tínhamos antecipado para muitos de vocês que no 3T teríamos uma normalização dos spreads, voltando a patamares semelhantes ao 1T, o que aconteceu, e que esperaríamos que esses spreads continuassem a manter um pequeno recuo, esperamos que moderado, e que está muito alavancado que os crescimentos que temos de novos produtos tem spreads inferiores por produto, comparados com o *mix* anterior que tínhamos de produtos.

Ou seja, crescimentos mais expressivos na carteira imobiliária, em carteira colateralizadas, que claramente mostram, incorporam spreads inferiores a outros produtos mais tradicionais, que tiveram um crescimento maior em períodos anteriores, como créditos pessoais ou cheque especial, os dois componentes que afetarão essa evolução, que farão o volume e os spreads evoluírem e pressionarão um pouco em 2013. Porém, ao mesmo tempo, o que esperaríamos é que parte dessa compressão que esperamos esteja um pouco compensada, balanceada pela melhora de PDD, uma melhora em como se dará esse processo de compressão da parte de receitas com a melhora da PDD.

Não sabemos se será um caminho linear, se terá algum *lag*, mas no médio e longo prazo, para 2013, o que esperamos é que os bancos se adaptem a um novo modelo de estrutura de

resultados, com o qual basicamente teremos uma normalização do PDD e também, possivelmente, uma normalização dos spreads.

Em qualquer caso, entendemos que é um processo, que pode ter um comportamento como Smiles; ou seja, a princípio teríamos uma compressão, logo teríamos um *bottom line*, mas logo estaríamos novamente em patamares semelhantes no que é a receita depois da despesa de PDD semelhante a períodos anteriores. Esse é processo que enxergamos.

Para 2013, sua segunda pergunta, o *guidance*, como falamos também no *conference call* em inglês, preferimos esperar o próximo trimestre para poder, com um pouco mais de clareza, dar uma visão do que esperaríamos para o 2013 depois dessa segunda revisão, de como foi observado em 2012. Então, eu pediria que, para 2013, esperem terminar este ano e daremos mais informações no próximo *conference call*.

**Marcelo Henrique:**

Ok. A segunda pergunta, a receita de prestação de serviços se comportou muito bem nesse trimestre, depois de dois trimestres um pouco mais fracos. Você acha que esse patamar de crescimento na casa de 11% é o mais sustentável daqui para frente, dadas também todas as questões que estão acontecendo em relação à tarifa etc.? Você acha que consegue esse patamar de crescimento de dois dígitos, na casa de 11%, 12%?

**Carlos Galán:**

Com relação às comissões, eu acho que há uma situação bem diferente. Nós achamos que o *double digit* na parte de comissões é perfeitamente sustentável. É potencialmente, com uma diversificação diferente, ou com uma contribuição diferente, na medida em que, por exemplo, no nosso caso, todo o produto de aquisição mantenha o ritmo de nova base de clientes e nova base de prestação de serviços, enxergamos que o *double digit* é perfeitamente sustentável. E parte deste processo é que se compararmos, como falávamos anteriormente, essa normalização de receitas e normalização da PDD, parte desta reestruturação é que as fontes de receitas dos bancos brasileiros terão que se diversificar mais.

E uma das pontas de diversificação tem que ter o peso que as comissões têm. Entendemos que, quando se compara as comissões, hoje, os bancos brasileiros como percentual de contribuição à receita não têm patamares altos; ao contrário, comparado com outros países são um pouco mais baixos, e o processo de bancarização que ajudará que tenhamos mais clientes, demandando mais serviços financeiros, deveria ajudar esse processo de manutenção de *double digit*.

Nós entendemos que um processo de bancarização como o no qual estamos ainda atuando, e como estamos ainda olhando, é perfeitamente sustentável. E insisto, possivelmente teremos que seguir uma distribuição desses conceitos de comissões um pouco diferente do que era até agora.

Nós, pelo menos, entendemos que cartões de crédito no nosso caso seguirão sendo uma alavanca importante, e tudo o que são serviços bancários terão que também crescer importantemente. Insisto, é alinhado com esse processo de mais base de clientes e mais base de demanda de serviços financeiros para os próximos anos.

**Eduardo Nishio, Banco Plural:**

Boa tarde. Muito obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer uma pergunta em relação a crescimento. Vocês reportaram um crescimento razoavelmente baixo nesse trimestre, 0,8%

trimestre a trimestre. Se você fizer uma estimativa para o 4T, para chegar ao seu *guidance*, de 15% a 17%, vocês teriam que crescer mais ou menos 10%.

Eu queria saber: com essa nova estratégia de moderar o número de agências para o ano que vem, daqui para frente também, a abertura de novas agências, existe uma chance de vocês diminuïrem o *guidance* de dois anos que vocês têm de 15% a 17%? Essa é a primeira pergunta, e depois eu faço a segunda. Obrigado.

**Carlos Galán:**

Obrigado, Eduardo. Primeiro, lembrar o *guidance* era para dois anos, 2012 e 2013. Segundo, como eu falei anteriormente, gostaríamos de atualizar nossa posição perante um cenário bem diferente do que tínhamos definido no *guidance*. Lembremos que no *guidance* tínhamos projetado crescimentos da economia de 3,5% ou 4% para este ano, o que foi bem menor, e um ciclo de inadimplência bem menos impactado que o que estamos observando.

O contexto do *guidance* tem uma realidade bem diferente, com um contexto bem diferente do que estamos vendo hoje. Mas, em qualquer caso, como falava anteriormente, daremos um pouco mais de informação e clareza no próximo *call*.

Em relação ao que você falava, de crescimento da carteira de crédito, nós entendemos, e é parte do que foi indicado no *guidance*, entendemos que em situações normais, e com o crescimento da economia esperado, de 3,5% ou 4%, é perfeitamente sustentável ter crescimentos do crédito em patamares de 15%, 1,5x o crescimento do PIB nominal. Entendemos que é um número muito razoável de ser sustentável para a indústria financeira.

Porém, logicamente, este ano, com as condições mencionadas, e também essas condições afetaram o comportamento de alguns setores e clientes, fomos muito mais rigorosos em todas as novas admissões, o que também afetou, como indiquei em minha apresentação, os crescimentos da atividade comercial.

Em nosso caso, no 3T, e nós consideramos um trimestre fraco, muito está afetado pela evolução das grandes corporações; as grandes corporações que tiveram uma queda de 0,5%, como mencionei anteriormente. Mas se você deixar de lado esse comportamento um pouco mais volátil que as grandes corporações têm, que são de altos tickets, mas de baixo spread, e nós concentrarmos no que é a parte de cima, ou seja, financiamento ao consumo pessoa física e PMEs, estamos a crescer em ritmos perto dos “*mid tens*”. É basicamente um pouco do que enxergávamos.

Enxergamos que o conjunto de 2012 estará um pouco abaixo desse “*mid tens*” que mencionamos para o conjunto de 2012 e 2013, e muito, insisto, como indicava pela volatilidade e pelo baixo crescimento que estamos observamos, especialmente nas grandes corporações. Para cada fase de 2013, traremos mais indicações no próximo *call*.

**Eduardo Nishio:**

Então, a elasticidade que vocês veem crédito/PIB em termos de crescimento é de 1,5x de PIB nominal, mais ou menos?

**Carlos Galán:**

Sim, mas não simplesmente para 2013. Aachamos que deve ser para o médio prazo. O que acontece em 2012? Realmente, o sistema financeiro está crescendo o crédito em níveis de



17%. A última informação divulgada pelo Banco Central, se não me engano, estava em 17%. Porém, com uma grande diferença entre bancos públicos e bancos privados.

Já vimos essa situação em 2009, onde os bancos públicos duplicavam, triplicavam o ritmo dos bancos privados, e há aí um processo de ajuste, especialmente na parte de ajuste de todas as novas safras, na parte de ciclo de inadimplência que estamos observando, igual ao que aconteceu em 2009, e esperaríamos uma convergência, não um crescimento de crédito como um todo.

Possivelmente repetamos no próximo de ano esse crescimento de crédito versus 2012, mas com um *mix*, com uma convergência dos bancos privados versus os bancos públicos.

Ou seja, enxergamos que se a economia novamente ficar em linha com o que estamos esperando e o ciclo de inadimplência evoluir como esperamos, para melhor, naturalmente os bancos privados começarão pouco a pouco a retomar o crescimento e convergir com o crescimentos dos bancos públicos, que estarão afetados em 2013 pela base de 2012.

#### **Eduardo Nishio:**

OK. A minha segunda pergunta é em relação aos NIMs. Teve uma compressão de NIM esse trimestre, como você falou, para patamares parecidos com o 1T, e no call de inglês você tinha mencionado que 75% dessa compressão foi por conta de mudança de *mix* de produto. E geralmente, pelo que eu entendi em outros bancos, você tem primeiro um impacto no NIM, quando você faz a mudança do *mix*, e a contrapartida da PDD menor vem ao longo de vários trimestres depois. Eu queria saber quando nós veremos esse impacto em provisão um pouco mais forte, dada a mudança do *mix* que você está fazendo hoje? Quando é que isso realmente começa a impactar? É um trimestre, dois, três mais à frente? Obrigado.

#### **Carlos Galán:**

Eduardo, eu gostaria de falar que, imediatamente, como eu também falava anteriormente, não será um processo linear, paralelo. Eu acho que teremos algum tipo de defasagem entre o que é o impacto que teremos nas receitas e o impacto que teremos de benefícios na PDD. Essa é nossa mensuração.

E efetivamente, como falava no *conference call*, basicamente  $\frac{3}{4}$  da queda do spread desse trimestre estão mais suportados pela mudança de *mix* do que pela queda de preços produto a produto. A queda de preços produto a produto, segundo nossas análises, explica somente  $\frac{1}{4}$  do que foi a mudança de spread. E, logicamente com as novas originações e com esse novo *mix*, esse spread nós veríamos pouco a pouco.

Na parte de banco, como você sabe, como comentei anteriormente, parte dos objetivos do Banco é defender spread, e em 2012, ainda com esta pressão e com esta nova realidade, os spreads 2012 serão superiores a 2011 em 30 b.p. mais ou menos, e o que esperamos é pouco a pouco convergir a patamares de períodos anteriores na questão de spreads.

Do mesmo jeito que esperamos também convergir a um processo de normalização, como falamos anteriormente, na PDD a patamares pré-2012. Então, como será este caminho na parte de spreads versus a parte da PDD é uma boa questão, pois não temos claramente definida, mas entendemos que no médio prazo deveriam convergir e deveríamos ter receitas depois de despesas resilientes e em linha com o que foram em períodos anteriores.

**Regina Sanchez, Itaú BBA:**

Boa tarde. Carlos, uma pergunta em relação a outras medidas que você acha que podem ser adotadas, não só pelo Governo, mas mesmo no mercado, para ajudar uma redução de spread bancário, mas de uma forma mais sustentável. Nós já vimos um decreto sobre regulamentar o birô positivo, mas ainda falta uma regulamentação, eu queria saber se você acha que birô positivo realmente pode impactar positivamente.

E se você tem participado de discussões na FEBRABAN e junto ao Ministério da Fazenda e ao Banco Central para até alterar, o que eu lembro é até que às vezes nós chamamos de 'jabuticaba' aqui no Brasil, da não dedutibilidade de provisão para crédito, o que gera muito crédito tributário de diferença temporária, que pode até ter um impacto muito negativo em Basileia III; se você acha que essas discussões estão avançando ou não, e como você vê se isso pode realmente ter notícias boas para realmente reduzir o spread, mas de uma forma sustentável, que acabe até com distorções e 'jabuticabas' que existem no sistema financeiro brasileiro. Obrigada.

**Carlos Galán:**

Obrigado, Regina. Vou começar pela última parte da sua pergunta, a 'jabuticaba'. Efetivamente, é uma jabuticaba, porque está na mão das autoridades locais que vão resolver esta questão. Ou seja, esta situação é derivada, tem um critério fiscal diferente do critério contábil, e os reguladores que podem alterar esses critérios fiscais são locais, e ao mesmo tempo reguladores que podem alterar, modificar ou alinhar o critério contábil.

Isso é positivo. Em geral, achamos positivo, e percebemos uma sensibilidade grande dos reguladores a resolver esta realidade, que é uma realidade exclusivamente dos bancos brasileiros. Há outras indústrias que eram semelhantes, no caso da Itália e alguns outros países, mas que se não fosse resolvida satisfatoriamente, prejudicaria em grande medida a comparabilidade da indústria brasileira com outras indústrias. Portanto, entendo que essa sensibilidade existe e é compartilhada tanto pela indústria quanto pelos reguladores.

Entendo que a resolução será construtiva e é uma incógnita, porque deveríamos fazer essa pergunta aos reguladores. O que penso é que será uma situação que não afete, como vocês sabem, o forte impacto que poderia ter na adaptação de Basileia III, os efeitos que teria nos DTA's, que no Brasil tem muito mais elevados que outros standards de outros países, basicamente pela diferença de critérios e porque o modelo que até agora tínhamos observado no Brasil demandava muitas provisões para créditos; ou seja, tinha altas receitas, mas tinha também patamares de PDD bem acima da média dos standards de outros mercados.

Entendo que essa dupla realidade de diferença de critérios e esse volume de DTA's bem acima da média fazem com que reguladores avaliem isto de um jeito prioritário.

Nossa expectativa é que nos próximos meses deveríamos ter uma solução. Vocês sabem que a FEBRABAN tinha pleiteado uma das alternativas, eventualmente pode ser esta ou pode ser outra, mas, em qualquer, caso a visão que nos temos de dentro é que a solução será satisfatória para a indústria.

Quanto à outra pergunta, de birô de crédito e outras medidas, eu acho que sim, esperamos que o regulador e o Banco Central adotem medidas paulatinamente, nos próximos meses, que ajudem também esse processo de convergência do qual estamos falando, que estamos vendo na parte dos spreads de certos produtos, e que também deveriam beneficiar esta normalização da indústria em outras questões; primeiro porque que parte um pouco do custo que temos de recuperação, que é muito maior quanto a custo e quanto a tempo que outros standards.

Segundo, pela precificação que hoje se faz dos créditos, onde hoje há preços que, como não há muita informação segura, teria que ter um preço que incorporasse a falta de conhecimento dos maus devedores.

Terceiro, na questão de que o Brasil está muito alavancado nas receitas em tudo o que é crédito, e entendemos que essa é uma distorção versus outros standards em um processo de normalização onde deveríamos ter uma diversificação dessas contas de receita, não simplesmente o que é a contribuição de crédito.

Nesse capítulo, por exemplo, esperaríamos mais modificações nos compulsórios, esperaríamos um processo maior de desindexação, e entendo que é um processo, insisto, de normalização de modelo de atuação e de marco regulatório em linha com os standards de outras indústrias semelhantes, em outros países.

**Operador:**

Obrigado. A sessão de perguntas e respostas está encerrada. Gostaria de retornar a palavra ao Sr. Carlos Galán para as considerações finais.

**Carlos Galán:**

Muito obrigado pela presença de todos vocês, obrigado pelas perguntas que todos vocês formularam. Se tiverem qualquer dúvida, precisarem de qualquer esclarecimento, por favor, contate nosso departamento de Relações com Investidores que tentaremos esclarecer todas elas. Obrigado novamente pela atenção, e até o próximo *conference call*.

**Operador:**

A teleconferência do Banco Santander está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."